

ABORDAGENS E TEMÁTICAS EM GEOGRAFIA HUMANISTA E CULTURAL: UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA (S)¹

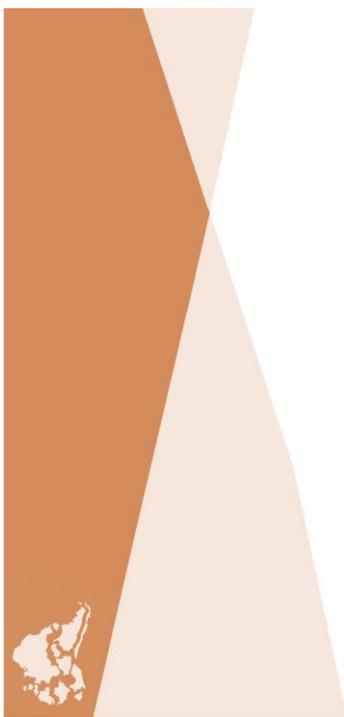
APPROACHES AND THEMES IN HUMANIST AND CULTURAL GEOGRAPHY: A RESEARCH(ES) TRAJECTORY

ABORDAJES Y TEMÁTICAS EN GEOGRAFÍA HUMANÍSTICA Y CULTURAL: UNA TRAYECTORIA DE INVESTIGACIÓN (ES)

Angelo Serpa

Professor Titular/Pesquisador CNPq 1B
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

angserpa@ufba.br



Destaques

- O sentido de praticar Geografia pode se revelar ou se ocultar para nós, a depender de nossa atitude – consciente ou inconsciente – no cotidiano.
- A fenomenologia não exclui a contradição da razão dialética porque busca romper a familiaridade com o mundo para apreendê-lo e revelá-lo como paradoxo.
- Uma Geografia Humana norteada por princípios fenomenológicos e pela criação/produção de espaços vividos no cotidiano não pode prescindir da corporeidade e do *corpo-lugar* enquanto mediações/instâncias a fim de buscar revelar essa produção/criação.

RESUMO

Busca-se problematizar uma trajetória de pesquisa (s) nos campos da Geografia humanista e da Geografia cultural, enfatizando-se as temáticas abordadas, ao longo do percurso acadêmico do autor do presente artigo, como pesquisador nestes campos específicos. Na segunda seção do texto, focamos nas questões teórico-metodológicas pertinentes aos seguintes temas: Relação entre técnica, tecnologia e lugar; a perspectiva de uma Geografia do cotidiano; uma abordagem fenomenológica/ontológica e dialética

¹ Parte dessa reflexão foi apresentada em mesa redonda do XII SIEC – Seminário Internacional Espaço e Cultura na UERJ, realizada em 16 de novembro de 2023. O artigo é uma reelaboração e uma ampliação da discussão apresentada no referido Seminário (https://www.youtube.com/watch?v=oL_pCopOTJ8).

para a Geografia; a relação entre corpo e Geografia; a relação entre espaço público, ativismos urbanos e economia popular. Na última seção do texto são apresentados os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, problematizando os primeiros resultados de entrevistas sobre o uso e a apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) realizadas com agentes dos campos educacional e cultural em Salvador-Bahia, que, acredita-se, pode subsidiar a fundamentação de um humanismo crítico em Geografia, fazendo confluír as abordagens humanista e cultural.

Palavras-chave: Geografia humanista. Geografia cultural. Trajetória de pesquisa. Ontologia. Dialética.

ABSTRACT

The aim is to problematize a research(es) trajectory in the fields of Humanist Geography and Cultural Geography, emphasizing the themes addressed throughout the academic career of the author of this article as a researcher in these specific fields. In the second section of the text, we focus on theoretical and methodological issues relevant to the following themes: Relationship between technique, technology and place; the perspective of a Geography of everyday life; a phenomenological/ontological and dialectical approach to Geography; the relationship between body and Geography; the relationship between public space, urban activism and popular economy. The last section of the text presents the preliminary results of an ongoing study, problematizing the first results of interviews on the use and appropriation of Information and Communication Technologies (ICT) conducted with agents from the educational and cultural fields in Salvador, Bahia, which, it is believed, can support the foundation of a critical humanism in Geography, bringing together the humanist and cultural approaches.

Keywords: Humanist Geography. Cultural Geography. Research trajectory. Ontology. Dialectics.

RESUMEN

Buscamos problematizar una trayectoria de investigación (es) en los campos de la Geografía humanística y de la Geografía cultural, enfatizando las temáticas abordadas, a lo largo de la jornada académica del autor de este artículo, como investigador en estos campos específicos. En la segunda sección del texto, focalizamos en cuestiones teórico-metodológicas pertinentes a los siguientes temas: Relación entre técnica, tecnología y lugar; la perspectiva de una Geografía del cotidiano; un abordaje fenomenológico/ontológico y dialéctico para la Geografía; la relación entre cuerpo y Geografía; la relación entre espacio público, activismos urbanos y economía popular. En la última sección de esta reflexión presentamos los resultados preliminares de una investigación en curso, problematizando los primeros resultados de las entrevistas sobre el uso y la apropiación de Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) realizadas con agentes de los campos educacional y cultural en Salvador, Bahia que, creemos, puede subsidiar la fundamentación de un humanismo crítico en Geografía, facilitando la confluencia entre los abordajes humanista y cultural.

Palabras clave: Geografía humanista. Geografía cultural. Trayectoria de investigación. Ontología. Dialéctica.

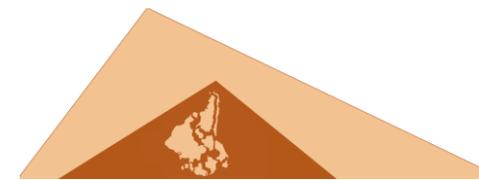
INTRODUÇÃO

Trata-se de resgatar aqui uma trajetória de pesquisa (s) nos campos da Geografia humanista e da Geografia cultural de quem escreve o presente artigo. Por isso, de início, gostaria de problematizar, para contextualizar essa trajetória, a relação entre Geografia cultural e Geografia humanista. Dignas de menção, nesse contexto, são as tentativas de conciliação dos conceitos humanistas e marxistas, objeto de reflexão de Cosgrove. Para ele, se a cultura é o centro dos objetivos de uma geografia humanista, que busca compreender o mundo vivido dos grupos humanos, uma geografia marxista precisa reconhecer que o mundo vivido, mesmo que simbolicamente constituído, tem expressão material, não se devendo negar sua objetividade (Cosgrove, 2003).

As contribuições de Cosgrove mostram que os campos da Geografia cultural e da Geografia humanista se diferenciaram com o tempo, podendo-se afirmar uma influência maior da abordagem fenomenológica no segundo campo – ao qual se alinham autores como Dardel, Tuan, Buttimer e Relph –, deixando, como principal legado, a ideia de situação, aliada às noções de intersubjetividade e intencionalidade. Trata-se aqui de refletir a partir de uma Geografia situada, renovada em seus alicerces teórico-metodológicos pela concepção de mundo vivido.

Há algumas décadas, há uma retomada de estudos culturais em Geografia que não se enquadram nem no rótulo estrito de “Geografia humanista” nem no rótulo estrito de “Geografia crítica/marxista”, estudos esses influenciados pela nova Geografia cultural, sobretudo anglo-saxã, que busca uma aproximação entre o materialismo histórico geográfico e a Geografia cultural. São autores, além do já citado Cosgrove, como Jackson, Mitchell, Duncan, entre outros, que compreendem “modo de produção” como “modo de vida”, com especial interesse pelos meios de produção simbólica, em análises que buscam aproximar as abordagens hermenêutica e dialética, pensando o espaço geográfico, sobretudo, como espaço vivido.

Aqui a ideia principal é que o mundo material é constituído culturalmente, sendo necessário analisar os meios de incorporação do espaço aos códigos simbólicos através da produção cultural. Essas abordagens vão muito além de uma Geografia humanista estritamente fenomenológica, nos moldes como propunham Dardel, Relph e Tuan, abrindo as possibilidades de renovação não só do conceito de lugar, mas também dos conceitos de paisagem, território e região. E isso nos permite afirmar também que o



que chamamos, hoje, de Geografia humanista e Geografia cultural, se distingue, mas, ao mesmo tempo, se complementa e dialoga enquanto abordagem e método (Serpa, 2019).

Na sequência desta breve introdução vou também apresentar, nas próximas seções e subseções deste artigo, alguns temas que, de modo interrelacionado, vêm nos ocupando nos últimos anos nos nossos grupos de pesquisa na Universidade Federal da Bahia.

UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA E SUAS TEMÁTICAS

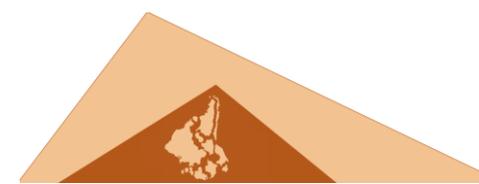
- Relação entre técnica, tecnologia e lugar

A investigação sobre as relações entre lugar, técnica e tecnologia requer uma avaliação do espaço como meio operacional, mas também como meio percebido/concebido (Santos, 2006). É dos resultados de investigações assim que se pode inferir o papel e a importância dos lugares para a apropriação da técnica e sua transformação em tecnologia.

Tendo em vista os dados levantados em pesquisas anteriores (Serpa, 2011) é evidente a persistência das desigualdades regionais e locais no território nacional no tocante ao acesso à técnica e à tecnologia. Também é possível afirmar que o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se modificou sobremaneira no Brasil a partir da segunda década dos anos 2000, com um relativo aumento de acessibilidade, propiciado pelos celulares. Hoje, as desigualdades se expressam muito mais nas velocidades de acesso à Internet, que se pode adquirir no mercado com recursos próprios, o que evidencia desigualdades socioespaciais marcantes no tocante às TIC.

À Geografia caberia analisar de que maneira este meio operacional se concretiza e organiza espacialmente, em um contexto de grandes desigualdades socioespaciais como no Brasil, apostando numa análise multiescalar do problema e no aprofundamento analítico das dimensões de classe envolvidas nesses processos, especialmente naqueles que embasam as táticas de apropriação criativa da técnica e sua elaboração/transformação em tecnologia. Questiona-se, portanto, que cidade digital é essa que se esboça no Brasil em um quadro gritante de injustiça espacial?

A operacionalização da noção de cidade digital permite se pensar também na criação/na produção de lugares digitais em diferentes escalas, da escala do quarteirão



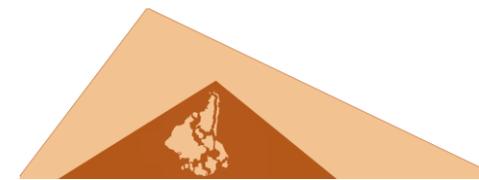
ou do bairro até a escala da cidade e da metrópole/aglomeração metropolitana, já que a cidade aqui é concebida como “um sistema zonal de inovação distribuído em vários níveis”, combinando “capacidades e atividades humanas com elevada intensidade de conhecimentos, instituições de aprendizagem tecnológica e espaços digitais de comunicação, de modo a maximizar a capacidade de inovação” (Komninos, 2008, p. 1).

A relação entre técnica, tecnologia e lugar é examinada a partir de quatro frentes de levantamentos e pesquisas de cunho empírico, tendo como recorte a aglomeração metropolitana de Salvador-Bahia: - Política e produção cultural; - Educação; - Empreendedorismo popular; - Mapeamentos participativos/colaborativos. Essas quatro frentes estão sendo a base, em pesquisas em curso, para explicitar que as técnicas influenciam o modo como percebemos o espaço e o tempo, não só por sua existência física, mas também pela maneira como afetam nossas sensações e nosso imaginário.

Parte-se do pressuposto de que os diferentes lugares oferecem níveis bastante diferenciados, em termos de densidade e acessibilidade, para o uso criativo da técnica e sua transmutação em tecnologia “apropriada”, ressignificada pelo uso. Na terceira seção do artigo, voltaremos a falar dessa pesquisa em específico, apresentando/problematizando os primeiros resultados de entrevistas realizadas com agentes dos campos educacional e cultural.

- A perspectiva de uma Geografia do cotidiano com ênfase numa Geografia “que se pratica no dia a dia”

O sentido de praticar Geografia pode se revelar ou se ocultar para nós, a depender de nossa atitude – consciente ou inconsciente – no cotidiano. Percebida ou não de modo consciente, essa Geografia é constituída de habilidades que, juntas, como “proezas” e de modo imbricado, criam e produzem nossos espaços de vida. Uma das habilidades intrínsecas a essa Geografia da vida e do vivido cotidianos é a capacidade de se localizar. À primeira vista pode soar banal que, para agir e viver nesse mundo, é necessário se localizar: ou seja, criar e construir esses lugares primeiros, que marcarão nossa trajetória de vida, como plataformas – provisórias ou definitivas, efêmeras ou duráveis – que darão suporte para nossas ações.

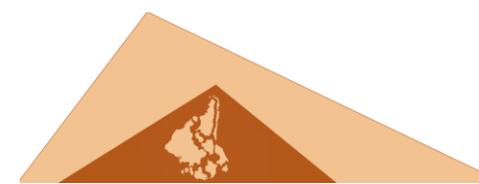


Mas a complexidade também reside no aparentemente banal. Se buscarmos os sentidos de “se localizar” no mundo percorreremos tantas dimensões e camadas que o assunto pode se tornar inesgotável, já que são mesmo infinitos os significados de “se localizar no mundo”. Se localizar significa perceber o “onde” de meu corpo e dos fenômenos que me afetam no cotidiano. Significa supor e avaliar distâncias, se direcionar e se posicionar, tudo isso se apresentando como, de um lado, qualidades irrefletidas e primeiras, uma “geograficidade” (Dardel, 2011), e, por outro lado, revelando camadas mais profundas do ser no mundo que sou.

As práticas espaciais do cotidiano se revelam em situações específicas. Para além do “se localizar”, nos situamos no tempo e no espaço, criando conjunturas e contextos que ajudam a viabilizar nosso dia a dia. Uma situação é o somatório de muitas informações e experiências adquiridas, traduzidas em relações que podem ser mais ou menos estáveis. É o conjunto dessas relações que contribui para a constituição de situações. A situação indica que essa Geografia do dia a dia é uma Geografia de coexistências, de cunho social e espacial, como diria Milton Santos. É passado e história que se revelam no presente, mas também convite à imaginação humana, já que o cotidiano é também devir e anuncia futuros possíveis. Ao nos situarmos no mundo, alinhavamos segundo nossos interesses e intenções uma grande quantidade de dados e informações, efetuando uma operação de síntese que organiza relações e localizações, construindo um arranjo que viabiliza nossas ações no cotidiano.

Este arranjo é também e, sobretudo, um arranjo de localizações, um passo além do momento inicial de “se localizar” no mundo. É um arranjo espacial construído de modo a criar condições reais para nossa ação: Arranjamos à nossa maneira o “mundo” do dia a dia criando e produzindo situações que nos dão, inclusive, a possibilidade de verificar a extensão – em seu sentido geográfico o mais essencial – de nossas ações.

A dimensão espacial de nossas práticas e ações cotidianas diz respeito a “recortes” espaciais que vão do próximo ao distante, do concreto ao abstrato. Esses modos de criar e produzir espaço no dia a dia nos enredam inexoravelmente em tramas de relações e situações que vão permear nossos lugares, territórios, paisagens e regiões. E o que está na base desse “se enredar” são redes sociais e espaciais articuladas em nosso cotidiano das quais não podemos prescindir para “tocar” nossas vidas. Articular-



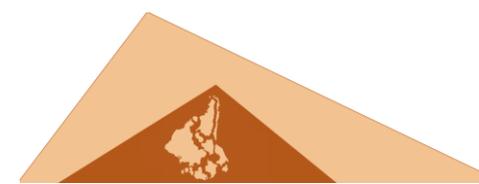
se em “rede” é, portanto, um aspecto fundamental dessa Geografia que se constrói cotidianamente. Hoje podemos falar de redes “reais” e “virtuais”, diante do avanço da técnica e da tecnologia. Mas essa é uma falsa ambiguidade, porque o virtual alimenta e potencializa o real e vice-versa.

- Uma abordagem fenomenológica/ontológica e dialética para abrir novas perspectivas de reflexão a partir dos conceitos/categorias geográficos como lugar, território, paisagem e região

Como pressupostos de partida para a operacionalização de conceitos em Geografia, deve-se sublinhar que a “forma não se separa do conteúdo” (Lefebvre, 1983, p. 136); conhecer os fenômenos é não considerá-los como isolados (1983, p. 184); o particular funciona como mediação entre o singular e o universal, e o movimento “que vai de cada um desses termos aos dois outros jamais deve estancar ou coagular” (1983, p. 225); a contradição é aqui considerada como “contradição em ato”, enraizada no conteúdo, no concreto, nas forças em relação e em conflito. Se, por um lado, a razão dialética, que admite o movimento, o devir e a “contradição em ato”, busca superar essa contradição, entre experiência e raciocínio, entre conteúdo e forma (1983, p. 188), por outro lado, admite também que “a aparência, a manifestação, o fenômeno, são um reflexo da essência, da realidade concreta, com tudo que implica a palavra ‘reflexo’” (1983, p. 217).

Admitir a “contradição em ato” não exclui a noção de “intencionalidade operante”, “aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida” (Merleau-Ponty, 2006, p. 16), buscando revelar as essências como relações vivas da experiência, tomando distância do mundo para fazer aparecer as transcendências, para distender “os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer”, já que a reflexão só se torna “consciência do mundo porque o revela como estranho e paradoxal” (2006, p. 10). A fenomenologia não exclui a contradição da razão dialética porque busca romper a familiaridade com o mundo para apreendê-lo e revelá-lo como paradoxo.

O mundo fenomenológico é o sentido “que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro” (Merleau-Ponty, 2006, p. 18). O mundo intersubjetivo da fenomenologia revela também

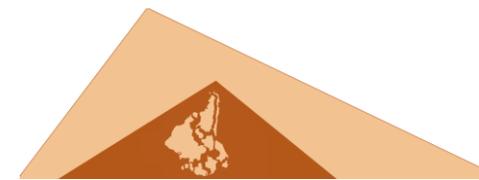


a transcendência como ato compartilhado, como transcendência “negociada”, outro tipo de transcendência “cujo contrário é uma imanência inteiramente diversa, a saber, o dar-se absoluto e claro, a autopresentação em sentido absoluto [...] que exclui toda a dúvida sensata” (Husserl, 2000, p. 61).

É conhecimento dirigido para essências genéricas, que assume outro tipo de *a priori*: “o *a priori* na esfera das origens, dos dados absolutos [...] e que tem a ver com os estados de coisas apriorísticos, que se constituem como imediatamente visíveis” (Husserl, 2000, p. 79). É também o que baseia uma noção de intersubjetividade que não exclui nem o conflito, nem a contradição, ao contrário, os revela em ato, em interação.

Uma Geografia dos espaços vividos ultrapassa a ideia de localização e organização do espaço, reafirmando os processos de produção espacial, que vão da acumulação à reprodução das relações capitalistas de produção, como “questão social”. Como afirma Frémont, esses processos vão produzir muitas vezes paisagens, lugares e regiões rejeitados por seus habitantes, “espaços eventualmente muito belos nos planos e desumanos na realidade vivida” (Frémont, 1980, p. 253). Se admitirmos que toda a “complexidade da obra geográfica reside no fato de só excepcionalmente ser devida à liberdade criadora de um único artista” e que “o espaço local, a maior parte das vezes, e os espaços regionais em todos os casos, nunca tiveram autores que não coletivos” (1980, p. 252), então talvez seja necessário também falar de uma “verdadeira criação do espaço” como contraponto à ideia de “produção”, calcada na lógica industrial, de planificação e ordenamento espaciais.

Conceitos científicos são elaborações da realidade vivida, mas também condicionam e criam mundos próprios. A questão central é como nossos conceitos e teorias podem dialogar com outras formas de conhecimento geográfico, outros modos de produzir, criar e representar espaço, com as paisagens, lugares e regiões vernaculares, enraizados na sabedoria e na experiência populares, com as filosofias espontâneas e as histórias vividas, buscando prospectar outros mundos e futuros possíveis. E, para isso, é necessário apostar também no papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico, em “uma poética do espaço” (Bachelard, 1998), pois, não há como prever mundos e futuros possíveis sem conceber um método para imaginá-los.



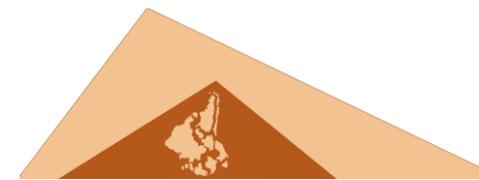
- *A relação entre corpo e Geografia, a partir da dialética entre apresentação e representação, analisando o sentido das representações como mediações essenciais para a reprodução da vida*

O conceito de *corpo-lugar* foi inicialmente desenvolvido e pensado no campo das artes cênicas, por Brito (2017), ainda que com “inspirações geográficas e urbanísticas”, em sua tese de doutorado: O conceito foi a base para o desenvolvimento de uma metodologia experimental para que atrizes e atores criassem coletivamente intervenções nas ruas de Salvador. Essa metodologia, de bases fenomenológicas, foi sendo elaborada “a partir da ocupação e da vivência de *corpos-lugares* em um processo de criação e realização”, “com o intuito de revelar *lugares-cênicos*” na cidade (Brito, 2017, p. 157-158, grifos do autor).

Quando falamos de *corpo-lugar* pensamos em um corpo localizado/situado no espaço-tempo e que está implicado em uma espacialidade diferencial. Essa espacialidade diferencial pode ser representada, em termos imagéticos, através das “conchas do homem”, de Moles e Rohmer (1998). As “conchas” ou “invólucros” indicam, como lembra Frémont (1980), a paulatina conquista – da infância à fase adulta – de espaços cada vez mais amplos, a partir de nosso “corpo próprio” em direção ao “vasto mundo” (Serpa, 2020a).

As “conchas” – o corpo próprio, o gesto imediato do “tudo ao alcance da mão”, a sala da casa ou apartamento, a casa/o apartamento, o bairro, a cidade centrada, a região e o vasto mundo –, embora mais identificadas com os modos de vida da sociedade urbano-industrial, podem servir, de uma maneira mais geral, como a expressão de um agir e um pensar em escala, agir e pensar que embasam uma Geografia do dia a dia (Serpa, 2020b) sem necessariamente serem identificados como ação e pensamento racionais e conscientes, já que essa Geografia se constitui muitas vezes de modo reflexo e através de experiências vividas.

O mais importante, em relação às “conchas”, ressalta Frémont, é que elas recentram o espaço sobre quem o apreende. E é claro que isso estabelece um jogo de escalas no cotidiano dos indivíduos e da sociedade, já que o espaço vivido adquire dimensões sociais à medida que se cria e produz. Com a ampliação das escalas ampliam-se as pessoas e os grupos sociais que animam os círculos da vida, da família



aos grupos profissionais e aos vizinhos, da sociedade regional ao “vasto mundo da sociedade global” (Frémont, 1980, p. 35).

Nesse contexto, é imperioso constatar, com Heidegger, que o ser-no-mundo é espacial em sentido originário, porém, nem o espaço “está no sujeito nem o mundo está no espaço, o espaço está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço” (Heidegger, 2012, p. 166). Lugar e região são tratados no pensamento heideggeriano como manifestações dessa espacialidade do ser-no-mundo. Mas, “o lugar e a multiplicidade de lugares não devem ser interpretados como o onde de qualquer ser simplesmente dado de coisas” e as “regiões não se formam a partir de coisas simplesmente dadas em conjunto, mas estão sempre à mão nos vários lugares específicos” (Heidegger, 2012, p. 156), os lugares se constituindo como “indicações privilegiadas de suas regiões” (Heidegger, 2012, p. 157).

O mundo circundante para Heidegger “não se orienta num espaço previamente dado” (idem), porque o espaço se cria e produz como lugares e regiões a partir “de uma totalidade específica de lugares referidos à circunvisão” (idem). Sob essa ótica podemos pensar o conceito de *corpo-lugar* como uma manifestação possível dessa totalidade específica, como um dentro-fora, um “ponto-Aqui”, uma espacialidade existencial e multidimensional que articula escalas e experiências através da memória e da imaginação no cotidiano vivido.

E essas experiências e escalas não podem ser captadas sem referência ao conjunto das relações da sociedade (Frémont, 1980). Em Lefebvre, explicita-se a necessidade de um processo de desalienação da sociedade como utopia última, transformando a consciência e a vida, deixando de subordinar a experiência e a vivência ao saber, a ação criadora prevalecendo sobre a ação produtora, o cotidiano sobre a tecnologia, a qualidade sobre a quantidade etc. (Lefebvre, 2006, p. 302-3; Serpa, 2019).

Uma Geografia Humana norteada por princípios fenomenológicos e pela criação/produção de espaços vividos no cotidiano não pode prescindir da corporeidade e do *corpo-lugar* enquanto mediações/instâncias a fim de buscar revelar essa produção/criação. Uma produção/criação corporificada e situada pode se constituir também como um processo de “desalienação espacial” que se manifesta em diferentes escalas, passível de ser revelado por um método que assuma o *corpo-lugar* como “ponto-Aqui” e escala “zero”: *corpo-lugar* que é a um só tempo dentro e fora, razão e

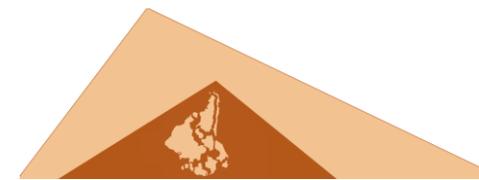
emoção (Santos, 2006), lugar e corporeidade e também “lugar de lugares”, repertório de lugares que se manifesta através da memória e da imaginação no indivíduo e na sociedade como um todo.

- Relação entre espaço público, ativismos e economia popular, explorando a interrelação entre as dimensões política, cultural e econômica e como isso se manifesta nos espaços urbano-metropolitanos de uso coletivo

Em pesquisas recentes, verificamos a resistência das atividades de comércio e serviços de rua de perfil popular também presentes, muitas vezes de forma pujante, nas áreas centrais e turísticas das cidades, nem sempre de modo tranquilo e quase sempre enfrentando o poder coercitivo e regulador dos agentes públicos. Com a requalificação de trechos da orla marítima em Salvador e as inúmeras tentativas de ordenação do comércio popular no centro da cidade por parte da Prefeitura, muitos desses empreendedores vêm passando por incertezas e dificuldades para tocar seus negócios.

Observa-se que, se por um lado as estratégias de requalificação dos espaços públicos valorizam o solo urbano e promovem mudanças significativas no uso e na apropriação desses espaços, por outro lado acabam por dificultar a continuidade das atividades dos comerciantes e prestadores de serviço de rua no entorno de tais espaços, incluindo ruas e avenidas localizadas em suas proximidades, além, é claro, dos próprios espaços requalificados. É um “controle social” que se exerce de modo indireto, atrelado a formas mais diretas de coerção, no caso específico da Capital baiana.

Nesse contexto, os comerciantes e prestadores de serviços nas ruas das metrópoles nem sempre são ambulantes ou informais. Pelo contrário, em Salvador, grande parte deles territorializam espaços específicos nas áreas centrais e turísticas da metrópole de modo continuado no tempo e a partir de estruturas como barracas, quiosques, tabuleiros etc. Em alguns casos, como nas praias soteropolitanas, se apropriam do espaço com estruturas flexíveis padronizadas pela prefeitura, montando e desmontando as tendas, com algumas mesas e cadeiras, diariamente e nos mesmos “pontos”. A maior parte deles recolhe taxas aos órgãos municipais.

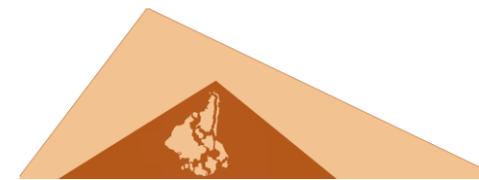


Pode-se afirmar que é somente através da ação dos agentes hegemônicos, à frente de grandes operações urbanas no espaço metropolitano, que esses territórios são ameaçados, obrigando em muitas situações os empreendedores de rua a táticas de reterritorialização, quando não é mais possível a resistência em seus pontos/territórios originais. Nesse contexto, os territórios “originais” desses comerciantes/prestadores de serviços podem ser vistos também como “lugares”, numa perspectiva ontológica de análise.

Assim, parece pertinente buscar compreender quando os empreendedores de rua criam dialeticamente lugares e territórios em seus processos cotidianos de apropriação dos espaços de uso comum, analisando em que momentos suas táticas e trajetórias lugarizam ou (re) territorializam o espaço e quais as consequências dessas ações para a esfera pública urbana em termos de ativismos e resistência/resiliência, ou ainda, em termos de conflitos com os agentes hegemônicos de produção do espaço. Daí também a necessidade de caracterizar contextos e situações específicos do empreendedorismo de rua nas áreas metropolitanas, bem como as trajetórias de vida de comerciantes e prestadores de serviços em diferentes conjunturas, abrindo caminho para uma perspectiva ontológica de análise do problema.

Ressalte-se que a presença/a resistência dos comerciantes/prestadores de serviços de rua é também um ato político, e uma espécie de ativismo, pois esses empreendedores ressignificam as ruas no momento em que se veem na “sombra” do desemprego. Sua resistência/resiliência se sustenta em uma ética baseada em princípios de cunho tático e, muitas vezes, subverte, pelo uso e pela ação, as estratégias de grupos hegemônicos, como sublinhado por Certeau (1994). Na ausência de um lugar, os comerciantes e prestadores de serviços de rua buscam lugarizar/(re)territorializar espaços urbanos específicos através de ações calculadas – táticas.

As táticas seriam os métodos praticados em uma espécie de guerrilha do cotidiano, demonstrando uma utilização hábil do tempo, através de movimentos rápidos, que vão mudar a organização do espaço. Elas são um contraponto para as estratégias, vistas como ações que resultam de certo poder sobre o lugar. As estratégias dos poderes públicos – entre a coerção e a cooptação – elaboram e criam lugares segundo “modelos abstratos” e práticas tecnocráticas, enquanto as táticas enunciam lugares a partir de ações “desviacionistas”, sendo ambas localizáveis no tempo e no espaço.



PARA NÃO CONCLUIR: MEIO OPERACIONAL E SUA APROPRIAÇÃO, A IMPORTÂNCIA DO LUGAR

A distribuição espacial dos meios técnicos disponíveis é a premissa de base para o desenrolar de processos mais ou menos abrangentes de “digitalização” dos lugares urbanos/metropolitanos. Para compreender o alcance desses processos é necessário caracterizar os agentes envolvidos e seus diferentes campos e lugares de atuação.

Qual a relação entre instituições públicas de ensino ou entre equipamentos culturais e os lugares onde se inserem? Com que concepção de lugar pode-se refletir sobre a inserção e a apropriação desses meios técnicos e sua influência sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos campos educacional e cultural? A apropriação da técnica e sua transmutação em tecnologia através do uso ajudam na inserção de escolas e equipamentos culturais em seus lugares de atuação?

No universo das escolas alcançadas por nossa pesquisa, no tocante às relações entre técnica, tecnologia e lugar, gestores/as e coordenadores/as entrevistados/as enfrentam diferentes problemas no cotidiano, entre eles, instalações inadequadas para dar conta de uma maior e melhor interação com a população dos bairros onde se inserem. De modo geral, enfrentaram o desafio de apropriação das TIC nos anos de pandemia e, após esse período, o que restou foram os grupos de WhatsApp dos pais e familiares dos alunos para comunicados de interesse da comunidade escolar e a divulgação de algumas das atividades escolares nas redes sociais como Instagram e Facebook, como relatam alguns de nossos entrevistados:

Com relação à divulgação, à apropriação da comunidade em relação às tecnologias, eu acho (...) que a escola faz o que ela pode, dentro das possibilidades que são oferecidas a ela, então, a escola tem uma rede social muito engajada, que é o nosso Instagram, a gente tem grupo de Whatsapp, que a gente manda mensagem para os pais do ensino fundamental, do 6º ano e do 7º, porque precisa de uma atenção maior. Mas, por exemplo, se, por algum motivo, faltou água na escola, queimou a bomba da caixa d'água, como já aconteceu, e eu preciso avisar os alunos que amanhã não será possível ter aula (...), eu jogo isso no Instagram (...) e amanhã nenhum aluno aparece, você percebe que a informação é disseminada na velocidade da luz. Eles compartilham, quem não segue o Instagram da escola já recebe a informação de um colega... (Ismael Ramos de Carvalho, coordenador pedagógico do Colégio Estadual Heitor Vila Lobos).

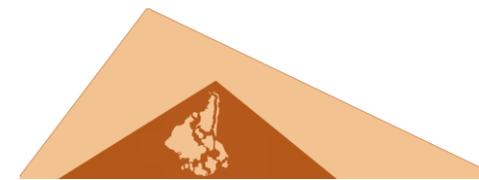


Olha, (...) a gente não tem uma atuação, (...) a escola estava (...) necessitando reforma, a gente perdeu uma grande área da escola, nós ficamos reduzidos a um terço do espaço, e aí toda a nossa energia ficou voltada para trabalhar num espaço que não estava adequado para a gente desenvolver um trabalho pleno (...) A gente tentou trazer pessoas da comunidade que tinham algum trabalho na área de artes, na área cultural, trazermos para dentro da escola, mas foi muito pouco. E em relação à tecnologia com o entorno da escola, a única coisa que nós temos é a comunicação que hoje se dá (...) através de rede social e através do WhatsApp. Mas não temos, de fato, nenhum trabalho que atraia para a escola. Geralmente esses trabalhos são internos, a gente não abre para a comunidade porque aí não tinha estrutura para trazer (Valter Correia, gestor da Escola Municipal de Pituaçu).

Sim, o uso da tecnologia facilitou bastante. (...) Hoje eu recebo alunos que estão para além da Federação, que estão ali no entorno da Vasco, Garcia, Acupe de Brotas e que chegam na escola falando sobre o trabalho que eles veem nas redes sociais. Principalmente no que diz respeito à questão da inclusão. E, no período da pandemia, foi fundamental termos criado grupos de WhatsApp para que a gente não perdesse o vínculo com o aluno ou com a família. Então, (...) no pós-pandemia eu precisei estabelecer um limite. Hoje pelo meu celular pessoal dificilmente eu respondo as famílias, porque a gente já tem o celular da escola, que fica com a secretaria da escola e à medida do que chega para mim eu dou retorno (Michele Checcucci, gestora da Escola Municipal Iacy Vaz Fagundes).

Outro problema enfrentado pelas escolas públicas alcançadas por nossos levantamentos diz respeito à territorialização dos bairros populares pelo tráfico de drogas e a situação de insegurança também ocasionada pela ação da polícia nesses lugares, o que dificulta o uso mais disseminado das TIC para melhor inserção das instituições escolares nos bairros do entorno. A palavra de ordem é de preservar ao máximo o ambiente escolar e os/as aluno/as de um contexto urbano compreendido pelos gestores/coordenadores como “violento”, como demonstram os depoimentos a seguir:

Quando você entra com tecnologia de informação em uma comunidade como a nossa, (...) eu tenho que ter uma atenção maior (...) na questão da segurança e do processo de informação em relação a essa tecnologia (...) a gente tem uma rádio comunitária escolar, (...) uma Webrádio, que a gente também na época da pandemia utilizava muito (...) a gente expandiu para o ambiente externo, para o Bairro da Paz (...) E, aí, você vive num ambiente que você tem que estar com essas ferramentas com o máximo de atenção para não estar prejudicando o ambiente escolar (...) para não estar desviando esse meio tecnológico, (...) para outros fins, a não ser um processo educacional. Então, a gente tem que ter muito cuidado nessa questão da comunidade do entorno e expandir essa tecnologia (Fernando do Nascimento Lima, diretor do Colégio Estadual Paulo dos Anjos).

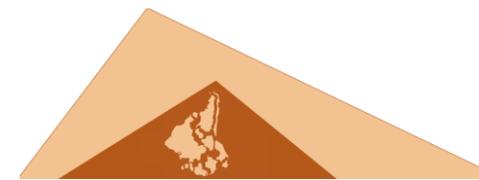


Quando a gente tinha o nosso prédio próprio, a gente abria a escola (...) a gente tinha grupos da própria comunidade, que era um forte ali da Nova Sussuarana, os grupos de valsa. (...) Não tem relação direta com a tecnologia, mas de a comunidade estar dentro da escola, estar participando dos processos da escola. E a gente abria aos sábados, abria à noite para (...) os ensaios, para (...) os encontros (...). Quando a gente mudou de prédio, com espaço menor, não tem mais esse acesso. (...) A escola (...) fica numa rua, que é uma transversal, e a gente atende a meninos do miolo da Sussuarana. A gente atende alunos do Novo Horizonte, da Sussuarana Velha, meninos que moram no CAB (...). Na verdade, a gente fica numa parte que eu diria neutra. Não tem a interferência negativa do que esses bairros possam estar trazendo. Porque menino da Velha não entra na Nova. Tem essa coisa também dentro do próprio bairro. É um problema de segurança pública (...). E aí a gente está num espaço que seria neutro. Então (...) vem menino de todos os espaços (Maísa Queiroz, diretora da Escola Municipal de Nova Sussuarana).

A comunidade (...) tem um contexto muito violento, tem uma história de violência em virtude de questões do tráfico. A gente tem algumas barreiras invisíveis que impedem alunos que têm uma localização geográfica próxima de acessarem a escola. Ou seja, quem está, por exemplo, ali na Cardeal da Silva, não pode descer. Ou que mora lá em cima no Engenho Velho, por conta da rivalidade, dessa questão mesmo de domínio. Eu tenho vínculo, particularmente, com a comunidade há 16 anos. Então, a gente tem uma relação muito boa (Michele Checcucci, gestora da Escola Municipal Iacy Vaz Fagundes).

O contexto de precariedade e carências de todos os tipos presente nos bairros populares onde se localizam as instituições escolares também se reflete no uso e na apropriação das TIC pelos alunos, que acessam as mídias sociais pelo celular e não possuem familiaridade com a utilização de computadores e notebooks, já que, de modo geral, esses equipamentos não estão presentes nos domicílios e seu uso restringe-se ao ambiente escolar:

Com relação à comunidade, eu sei que (...) às vezes se apropriaram de algumas partes dessas tecnologias, porque quando eu estou falando dessa apropriação eu estou falando do WhatsApp, das redes sociais, que é o que eles utilizam no dia a dia; mas quando a gente tenta num Word, num Excel, um formato de arquivo que é o que você utiliza no mundo administrativo, na empresa, eles não têm apropriação, (...) nunca tiveram contato com um teclado de computador, então eles não sabem redigir um e-mail, eles não sabem apagar um arquivo, criar, mudar o formato do arquivo, eles não têm essa apropriação, eles se apropriaram do que? Do celular no WhatsApp, (...) tanto é que a comunidade tem um grupo que se chama Cabula alguma coisa, então todos os moradores ali foram criando grupos (...) então eles têm acesso, mas desse básico, que seria o WhatsApp e as redes sociais, mas aquilo que vai ser utilizado no mercado de trabalho, eles não têm,



nem os moradores nem os alunos (Ismael Ramos de Carvalho, coordenador pedagógico do Colégio Estadual Heitor Vila Lobos).

Em geral, para os equipamentos culturais (pontos de cultura, museus e bibliotecas alcançados por nossas pesquisas), o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação ajudaram não só em sua inserção nos lugares do entorno, como também ampliaram o alcance em termos de público para além dos bairros onde estão inseridos, como sublinham nossos/as entrevistados/as:

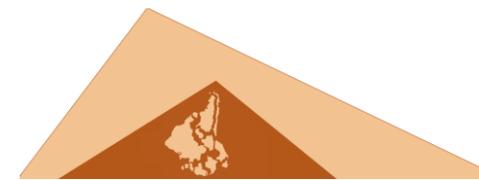
A gente percebe que ajuda muito. Principalmente na coisa de chamar público. Agora mesmo a gente está com essa atividade da Hora do Conto, então a gente faz os cards, para colocar no Instagram. (...) e aí as pessoas que seguem a gente do Subúrbio todo, e até de fora do Subúrbio, conseguem ver que aquela ação vai acontecer lá e ela tanto vem como divulga, se ela não pode vir, ela divulga para outras pessoas, para outras mães, para participar da Hora do Conto (Ladailza Teles, diretora da Biblioteca Paulo Freire).

Isso me colocou num lugar de gestão de rede social, de produção de conteúdo e tal, mas depois que passa a pandemia e que essa programação virtual diminui, eu (...) vi na prática uma movimentação das pessoas irem conhecer a Casa do Benin, porque conheceu durante o virtual, gostou do conteúdo e agora quis conhecer a casa presencialmente. Então a gente teve vários retornos, inclusive de pessoas de fora do Brasil, de fora da Bahia, com esse feedback para a gente (Igor Thiago, gestor da Casa do Benin).

Então, acho que a comunicação voltada para o museu é justamente de tentar alcançar esse público que nós não alcançamos genuinamente, que seria um público que não é de vela, que não estaria no contexto da visita ao Centro Histórico, e alcançar esse público e tentar resgatar esse público para que ele se torne um visitante (Larissa Nabuco, coordenadora do Museu do Mar Aleixo Belov).

Por outro lado, independentemente da utilização das TIC e da inserção dos equipamentos culturais nas redes sociais, há também o contato cotidiano com os moradores dos bairros onde se localizam e de lugares próximos do entorno, no contexto de uma escala local ampliada, contrapondo um público local ao público que vem de mais longe, atraído pelas estratégias de comunicação utilizadas para esse fim:

Tem a questão, por exemplo, de curiosos que passam, está tendo uma atividade, um evento, por exemplo, outra coisa que a gente faz são as aulas de capoeira, em parceria com a associação de capoeira. Aí de noite tem a capoeira, claramente escutam o som, aí alguém passa e entra e pergunta se tem o quê, além da capoeira, se tem outras atividades, procuram muito atividade para crianças. (...) com certeza, o boca a boca funciona mais que um cartaz ou um banner (Marcela Sgura, coordenadora do Instituto Cultural Brasil Itália Europa).

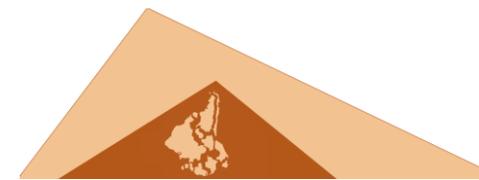


A gente faz oficinas voltadas para a cultura afro-brasileira de uma forma geral (...) e o público-alvo principal é o público do bairro. Quanto mais jovem a pessoa, crianças em geral, mais próximo também mora, porque ou vem sozinha, ou a mãe ou o pai traz a pé (...). Quanto mais velho o participante, a gente tem também nas turmas noturnas (...) adultos, (...) pessoas que vêm de outros bairros, de Mussurunga, da Cidade Baixa, da Suburbana, que vêm para fazer atividades. Inicialmente, anos atrás, eu ia pelo bairro com cartazes (...) colava na parede do mercadinho, da padaria, (...) que continuo fazendo, mas hoje são menos cartazes (Angela Lühning, gestora da Fundação Pierre Verger).

No entorno, a gente tem contato com algumas escolas que vão, de vez em quando, fazer visitas (...). Mas a gente tem tido outras escolas, levei escolas de São Tomé de Paripe (...) vão estudantes do IFBA, do interior, fazer atividades (...). Teve um aumento enorme de frequentadores do ano passado para cá, por conta também do trabalho que foi feito nos arquivos. Acho que a Academia hoje está muito mais aberta para a cidade (...). Por exemplo, a gente está criando uma relação com a Pombagem, que é um grupo de jovens ligados à literatura (Marcos Vinicius Rodrigues, gestor da Academia de Letras da Bahia).

A atuação continuada em um contexto espacial específico enraíza fortemente alguns equipamentos culturais em determinadas áreas da cidade, como é o caso do Acervo da Laje, localizado no bairro de São João do Cabrito, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A apropriação de diferentes estratégias de divulgação do equipamento é anterior, inclusive, à utilização das TIC e das redes sociais:

Eu acho que as tecnologias ajudam a melhorar a informação em relação ao território, em relação ao acervo, em relação às obras, em relação a artistas, em relação a toda uma periferia que, muitas vezes, (...) foi tratada pela mídia local como um lugar violento, como um lugar com uma dinâmica perversa (...). Então, (...) vamos pensar a tecnologia como comunicação também, como televisão, como jornal, como YouTube, a quantidade de matérias que foram feitas no Acervo desde 2013 é muito impressionante! (...) e a gente abarca primeiro dois bairros, Itacaranha e São João Cabrito. E foi muito importante no início, porque a gente fazia oficina nos dois bairros, e depois isso começou a se expandir, principalmente porque as tecnologias ajudaram a gente, por exemplo, a criar um núcleo de comunicação muito importante (...). Aí a gente começa uma explosão de contatos, de diálogos, de expansão, começamos a trabalhar com várias pessoas de diversos territórios do Subúrbio, como Itacaranha, Rio Sena, Lobato, Periperi, Fazenda Coutos, Tubarão, Paripe. (...) foi um movimento de expansão e de crescimento (José Eduardo Ferreira Santos, diretor do Acervo da Laje).



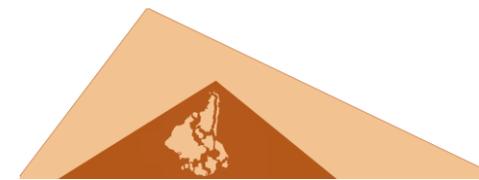
Os extratos das entrevistas realizadas no contexto de nossas pesquisas atuais demonstram claramente a relação entre os lugares de inserção das escolas e dos equipamentos culturais com o uso e a apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em sua atuação cotidiana na cidade. Seja por limitações do espaço físico, seja pela falta de acesso a determinados equipamentos ou pelo processo de fragmentação socioespacial e pela percepção da violência em determinados lugares e áreas da cidade, o lugar é relevante – como meio operacional e meio percebido – para a possibilidade de apropriação efetiva da técnica e sua transmutação, através do uso, em tecnologia.

Isso também empresta um sentido processual ao conceito/à categoria “lugar”. Esse “novo meio técnico” (composto por comunicação e informática, por linguagens e equipamentos) desempenha um papel que vai além da função de sustentáculo da ação humana, já que é, ele próprio, segundo Ana Clara Torres Ribeiro, “intrinsecamente ação”: “Por esse motivo, a sua natureza é estratégica e, virtualmente, instituinte” (Ribeiro, 2008, p. 191).

Seguindo a trilha dos depoimentos apresentados aqui, arriscamos afirmar que a relação entre técnica, tecnologia e lugar pode subsidiar a fundamentação de um humanismo crítico em Geografia, fazendo confluir as abordagens humanista e cultural, do modo como introduzimos este artigo. Esse humanismo crítico deve se basear na operacionalização do conceito de lugar como articulador de escalas e mais ou menos aberto ao exterior, a depender das táticas e estratégias dos grupos e agentes envolvidos no uso/na apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação nos diferentes recortes de pesquisa analisados.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 3. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- COSGROVE, Denis. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas de Teoria. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.



- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KOMNINOS, Nicos. **Cidades Inteligentes - Sistemas de Inovação e Tecnologias da Informação ao serviço do Desenvolvimento das Cidades**. 2008. Disponível em: <https://www.urenio.org/wp-content/uploads/2008/11/cidades-inteligentes.pdf>. Acesso em: jul. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y La Ausência: contribucion a la teoria de las representaciones**. México. Fundo de Cultura Econômica, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOLES, A. Abraham; ROHMER, Elisabeth. **Psychosociologie de l'espace**. L'Harmattan, 1998.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. A atualização técnica do urbano. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 5, n. 8, p. 189-213, 2008.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4. Ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SERPA, Angelo. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SERPA, Angelo. Lugar, paisagem e experiência. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 98-104, Outono de 2020a.
- SERPA, Angelo. Uma Geografia que se pratica no dia a dia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 11, p. 437-449, jul. 2020b.
- SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. Geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

Recebido em agosto de 2024.

Revisão realizada em outubro de 2024.

Aceito para publicação em novembro de 2024.